



Carolina Nabuco

CHAMA E CINZAS



Romance

Da mesma autora
de *A sucessora*

Instante

© 2019 Editora Instante
© 2019 Titulares dos direitos autorais de Carolina Nabuco

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Fabiana Medina e Juliana de A. Rodrigues**

Capa e Ilustrações: **Fabiana Yoshikawa**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

Imagem (orelhas): **Arquivo Nacional / Fundo Agência Nacional** (Pessoas apreciando a vista do Rio de Janeiro no mirante do Corcovado, abril de 1943)

1ª Edição: 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Nabuco, Carolina.

Chama e cinzas / Carolina Nabuco. 1ª ed. — São Paulo:

Editora Instante: 2019.

ISBN 978-85-52994-13-8

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: romance

I. Nabuco, Carolina.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira
2. Literatura brasileira : romance
869.3

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Chama e cinzas é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Adam.cg Pro e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² em Edições Loyola.

SUMÁRIO

DEPOIS DAS CINZAS, O DESPERTAR...	XIII	XI
<u>4</u>	<u>101</u>	<u>188</u>
A CASA DE ÁLVARO	XIV	XII
<u>9</u>	<u>105</u>	<u>198</u>
I	XV	XIII
<u>10</u>	<u>111</u>	<u>206</u>
II	A CASA DE RABELO	XIV
<u>19</u>	<u>119</u>	<u>211</u>
III	I	XV
<u>24</u>	<u>120</u>	<u>215</u>
IV	II	XVI
<u>32</u>	<u>125</u>	<u>220</u>
V	III	XVII
<u>41</u>	<u>132</u>	<u>225</u>
VI	IV	XVIII
<u>49</u>	<u>141</u>	<u>229</u>
VII	V	XIX
<u>57</u>	<u>146</u>	<u>237</u>
VIII	VI	XX
<u>63</u>	<u>155</u>	<u>240</u>
IX	VII	XXI
<u>69</u>	<u>160</u>	<u>243</u>
X	VIII	(RE)DESCOBRINDO CAROLINA NABUCO
<u>79</u>	<u>164</u>	<u>247</u>
XI	IX	SOBRE A CONCEPÇÃO DA CAPA
<u>90</u>	<u>175</u>	<u>248</u>
XII	X	
<u>95</u>	<u>183</u>	

DEPOIS DAS CINZAS, O DESPERTAR...

A obra de Carolina Nabuco (1890-1981), uma das primeiras mulheres a atuar como escritora no Brasil, começa a ser resgatada pela crítica literária na atualidade, tornando-se objeto de estudo em pesquisas recentes. Após a reedição de *A sucessora*, relançar a obra *Chama e cinzas*, segundo romance de Nabuco, publicado originalmente em 1947 e no mesmo ano agraciado com o prêmio de Romance da Academia Brasileira de Letras, é uma iniciativa da Editora Instante de resgatar o trabalho dessa autora brasileira, uma entre muitas outras escritoras esquecidas e/ou pouco valorizadas pela historiografia literária.

A partir de obras literárias contemporâneas desta, ignoradas ou consideradas secundárias no plano cultural, fundamentou-se a ideia de que, até a primeira metade do século XX, as mulheres não haviam produzido obras intelectuais ou literárias relevantes. A leitura dos romances de Carolina Nabuco, considerando seu contexto de produção, recepção e circulação, por si só já desmente tal premissa.

Independentemente das distintas conotações atuais direcionadas ao feminismo, a crítica literária feminista dialoga com questões sociológicas, antropológicas, históricas, com a finalidade de compreender a experiência da mulher enquanto leitora e escritora e de desconstruir discursos discriminatórios, com foco na representatividade feminina na literatura.

A crítica feminista vem demonstrando como o cânone literário, ou seja, o conjunto de obras consideradas representativas de uma literatura nacional ou universal, é constituído, em sua maioria, por autores homens, excluindo a mulher como produtora de literatura. Segundo a pesquisadora Lúcia Ozana Zolin,¹ a partir do momento em que a crítica literária também passa a ser realizada por mulheres, inicia-se um intenso resgate de produções literárias de autoria feminina que foram esquecidas pelo cânone ou que não receberam destaque em suas épocas.

Em busca de dar espaço a essas vozes, autoras estão sendo (re)descobertas, como é o caso de Carolina Nabuco. Nesse contexto, Zolin,² baseada na crítica feminista, organiza a trajetória da literatura de autoria feminina a partir de três fases:

1. **FASE FEMININA:** ligada à imitação e internalização dos valores morais e dos padrões vigentes: *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis; *A intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida; *A sucessora* (1934), de Carolina Nabuco.
2. **FASE FEMINISTA:** ligada ao protesto contra os valores e padrões vigentes e à defesa dos direitos das minorias: *Perto do coração selvagem* (1943), de Clarice Lispector; *A casa da paixão* (1972), de Nélida Piñon; *Diana caçadora* (1986), de Lya Luft, *Mulheres de Tijuacopapo* (1987), de Marilene Felinto, entre outras.
3. **FASE FÊMEA OU MULHER:** ligada à autodescoberta e à busca de uma identidade própria: *A república dos sonhos* (1984), de Nélida Piñon; *Jóias de família* (1990), de Zulmira Ribeiro Tavares; *O homem da mão seca* (1994), de Adélia Prado; *O ponto cego* (1999), de Lya Luft, entre outras.

Essa primeira fase é fundamental para a compreensão da trajetória da literatura de autoria feminina, pois, ao reduplicar

1 ZOLIN, L. O. "Crítica feminista". In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. revista e compilada. Maringá: Eduem, 2005.

2 ZOLIN, L. O. "Crítica feminista" e "Literatura de autoria feminina". In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. revista e compilada. Maringá: Eduem, 2005.

padrões éticos, estéticos, nota-se como essas autoras, mulheres, também estavam imersas em um contexto de dominação, do qual, talvez, também não tivessem plena consciência. Clarice Lispector, seguida de outras autoras, rompe com esse estado de coisas, colocando as relações de gênero como elemento das narrativas, o que passa a tornar visível a repressão sofrida pela mulher em diferentes práticas sociais.

Nesse contexto, a obra *Chama e cinzas* se constitui em um enredo de transição entre a fase feminina e a fase feminista. Nele, não temos a mesma tensão psicológica vivida por Marina, a protagonista de *A sucessora*, no entanto, mais próxima da crônica cotidiana, para dar voz a outra mulher, Nica Galhardo, a narrativa assume um tom intimista, ou seja, que perpassa a esfera íntima das personagens, trazendo as experiências traumáticas, os conflitos instaurados em seu interior e as questões morais e sociais, sobretudo ligadas ao papel social de Nica à época.

Sendo, portanto, uma literatura mais introspectiva, *Chama e cinzas*, nesse sentido, aproxima-se do que Alfredo Bosi classifica como “romance de tensão interiorizada”,³ exatamente por trazer a subjetivação dos conflitos vividos pela personagem Nica. Tal característica, segundo o crítico, está em modalidades como o memorialismo, intimismo, autoanálise, presentes na literatura modernista de 1940 e 1950, nas vozes, por exemplo, de Lygia Fagundes Telles, Elisa Lispector, Lúcia Benedetti, Clarice Lispector, Otto Lara Resende, Osman Lins e outras autoras e autores.

O enredo se organiza em torno de Nica e suas três irmãs, Cristina, Iolanda e Geninha, que vivem com o pai viúvo, Álvaro Galhardo, formando o núcleo da família tradicional burguesa — nesse caso, marcado pela ausência da mãe. A partir desse mote e de uma desilusão amorosa, Nica vivenciará sua primeira questão existencial, cogitando, inclusive, um casamento movido exclusivamente por interesses econômicos.

3 BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

Diferentemente de Marina, Nica, em uma trajetória particular, na qual, ao refletir sobre si, interpreta com sagacidade suas próprias ações, de certo modo escolhe o próprio caminho, ainda que dentro das possibilidades que a sociedade patriarcal lhe permitia. Com o casamento, torna-se a “mulher moderna e festejada” que dirige o próprio carro, frequenta ambientes públicos sozinha, interessa-se por conversas masculinas, mesmo sendo obrigada a participar dos núcleos femininos.

Mais uma vez, Nabuco faz um retrato da posição da mulher burguesa, agora no final da primeira metade do século XX, apresentando valores e tabus que orientavam o lugar social da mulher, mas também trazendo uma nova voz feminina que parece emergir desse contexto. Com isso, há significativo distanciamento de *A sucessora*, já que Marina teme não ser a mulher ideal, enquanto Nica deseja compreender por que tem sido essa mulher. Tomar consciência disso faz Nica sentir que, da vida de ilusões (ou de chama) que até então levou, só restaram cinzas.

Carolina Nabuco brilhantemente projeta a voz feminina em uma época na qual não havia ouvidos para ela. Embora Nica ainda não seja completamente a mulher disposta a contrariar os papéis patriarcais dominantes, a escrita feminina de Nabuco, agora mais questionadora, retrata, na década de 1940, como o espaço doméstico, a esfera íntima, torna-se simbólica do funcionamento de uma sociedade guiada pelo olhar masculino, sendo uma espécie de exílio para a mulher, impedindo, por um tempo, a percepção de sua real condição. Hoje, nós, mulheres, ao lermos a trajetória de Nica, reconhecemos os mesmos valores patriarcais que muitas vezes ainda se inserem em experiências de nossa própria vida — se não por completo, como resquício do valor social atribuído historicamente à figura feminina.

Regina Braz Rocha

Professora de Língua Portuguesa,
consultora e pesquisadora na área de Educação e Linguagens,
mestra e doutora em Linguística e Estudos da Linguagem

Os acontecimentos e os personagens deste livro são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais
será mera coincidência.

A CASA DE ÁLVARO

Quando Nica apeou do ônibus, à esquina da sua rua, os olhares de alguns passageiros acompanharam-na, sorvendo algo de excepcionalmente jovem e vivo que emanava dela, de sua figura esguia, de seus movimentos rápidos, enquanto ela se afastava. Ia apressada porque tinha muito que fazer em casa antes de jantar.

Da Praia do Flamengo, onde descera, a distância era pequena até o portão de casa. Passou por três grandes edifícios de apartamentos e alcançou o gradil velho do jardim.

A casa, ao centro do terreno, era velha também, com a tinta a descascar das paredes e das venezianas verdes, mas era de proporções que não se viam mais. Uma imensa mangueira sombreava o jardim maltratado. Os transeuntes admiravam-na ao passar, já com pena da árvore, de antemão condenada pela valorização do terreno. Diziam: “Este prédio velho não demora em vir abaixo”.

Muitos conheciam a casa por causa da mangueira. A árvore tendia a servir-lhe de endereço. Até aos choferes de táxi, os fregueses que iam para lá diziam, em vez de dar o número: “Pare na casa da mangueira”.

Muitos carros vinham ali, à casa dos Galhardo, sobretudo à noite. Às vezes eram tantos os automóveis que parecia uma embaixada em noite de recepção. A fachada, quando as salas estavam acesas e as janelas alegres de luz, não mostrava o dismantelo que aparecia de dia. Dentro também, a usura das cortinas e as manchas nas paredes disfarçavam-se quase inteiramente à luz artificial, e só se notavam o bom

gosto e a solidez dos móveis, que o tempo não podia estragar, e os retratos a óleo de ancestrais titulares, dando a atmosfera tradicional a que os Galhardo tinham direito.

A casa convinha à família pela comodidade do ponto, próximo à cidade, facilmente acessível a todos os bairros, e pelas salas espaçosas, e sobretudo pelo aluguel módico, que pagavam como inquilinos antigos, em prédio onde não se fariam mais obras, porque não teria longa vida.

À noite, a principal atração para as visitas eram as mesas de jogo, onde se jogava em geral por preço alto. Vinham, além de amigos, muita gente que a família mal conhecia, como se a casa de Álvaro Galhardo fosse mais um clube que uma residência. Alguns a conheciam mesmo como “O Clube do Rabelo”, porque o grande banqueiro, Nestor Rabelo, costumava vir todas as noites. Frequentadores que não viessem pelo jogo, nem por amizade aos Galhardo, vinham às vezes para conseguir do Rabelo um qualquer favor, ou para terem dele, em primeira mão, uma notícia ou uma opinião financeira.

Nica subiu os degraus da varanda lateral, onde se estendia, do lado do jardim, uma trepadeira de jasmim. Nas noites quentes, o jasmineiro florido tentava quem entrasse ou saísse a colher um galhozinho perfumado.

Na sala de jantar, Nica encontrou o pai e a irmã mais velha, Cristina. Estendiam sobre a mesa, já alongada para visitas, uma rica toalha, relíquia dos tempos prósperos de Álvaro. Naquela noite Rabelo ia trazer o novo ministro da Indústria a jantar. As meninas também tinham convidados. Álvaro gostava de ter casa aberta, mesmo quando não sabia de onde viria o dinheiro.

Iolanda, a irmã que vinha depois de Nica, entrou da copa, carregando uma pilha de pratos e perguntando ao pai: “Quantos lugares são, Álvaro?”. Era a beleza da família. Mesmo no descuido da roupa de casa, na atividade do serviço, mesmo com o cabelo em desordem, com gotas de suor na testa e o narizinho rebrilhando sem pó, Iolanda era belíssima. O corpo, alto e esguio como o de Nica, formava com o

pescoço, mesmo emergindo este da gola de uma blusa suja, uma haste perfeita para a linda cabeça.

— Devem ser doze ou quatorze — respondeu Álvaro... — Se não aparecer mais ninguém à última hora.

— Então vão faltar taças de champanhe. O Rabelo mandou uma caixa agora mesmo. Já pus três garrafas no gelo.

— Não faz mal — disse Nica. — Você e eu bebemos em copo d'água.

Irrompeu na sala Geninha, a menor, chegando do colégio. Atirou com violência sobre a mesa o chapéu e a carteira e, cobrindo o rosto com as mãos, abriu um choro desesperado. Contivera evidentemente as lágrimas até este momento, até chegar em casa e ver-se cercada dos seus.

Formaram logo roda em volta dela, o pai e as irmãs, consternados. Álvaro tomou a pequena nos braços, sentou-a ao seu colo. Perguntava:

— Que é, filhinha? Que é, Geninha? Amor do seu paizinho, conta ao Álvaro o que foi.

Os cabelos cacheados de Geninha, pretos como os de Iolanda, misturavam-se, no abraço, aos de Álvaro, castanho-claros como os de Nica. Álvaro não embranquecera nem engordara. Conservava ainda o aspecto geral de um adolescente, cujo rosto se enrugara, mas que não perdera a esbelteza nem os movimentos ágeis, a cor bonita dos cabelos ondedados, a pele fina e rosada, apesar de marcada pelos anos. As meninas diziam que, de costas, Álvaro tinha eternamente dezoito anos.

Desde as primeiras palavras que Geninha conseguiu murmurar: “Foi a Elsie que disse”, todos compreenderam, pela nova irrupção de choro, que a rixa com Elsie não fora desses pequenos incidentes entre colegas que Geninha costumava contar, incidentes de que, em geral, saía sobranceira. Isso era algo que a feria profundamente, era uma dor de mulher feita.

— A Elsie disse, diante de todo o colégio, que a mãe dela disse que sou filha de um facadista, que vive de expediente e que rouba no jogo.

Abraçou-se outra vez com o pai, escondendo o rosto no seu ombro, chorando com mais violência. Fora-lhe um esforço repetir essas palavras vergonhosas. As irmãs mais velhas olharam para o pai e, depois, expressivamente, mas sem surpresa, uma para a outra.

Álvaro encolheu-se um segundo sob o golpe. Depois reagiu. Falou bem alto, embora sem olhar para ninguém, sem querer enfrentar os olhos das meninas que o encaravam gravemente:

— É mentira! É um falso que essa mulher levantou, só para fazer chorar um amor de menina como você, que vale mais de mil Elsie. Eu conheço a mãe da Elsie. Até já fui apresentado a ela. Você pode dizer ao colégio inteiro que, além de ruim e mentirosa, ela é muito feia, e que, além de feia, usa vestidos horrendos.

Geninha voltou-se interrogativamente para Cristina e para Nica. Parecia sentir a insuficiência da defesa paterna e esperava agora delas uma negação mais positiva. Não deixou, no entanto, de abraçar Álvaro, de aceitar o carinho dos seus braços, dos seus beijinhos consoladores, das suas palavras de conforto amigo:

— Não chore, minha filhinha. Olha como estou triste de ver minha filhinha assim. Se você não ficar alegre depressa, vou começar a chorar também. Você não sabe que eu morro por minhas filhas? Qualquer dorzinha de vocês me dói mais do que se fosse comigo, muito mais.

Geninha, para atender à súplica do pai, procurou conter as lágrimas. Nica foi a única a observar a atitude dolorosa de Álvaro com um olhar que o julgava objetivamente, sem se influenciar pela doçura e pelo encanto que ele sempre tivera e com que sempre contava nos momentos difíceis como esse. Álvaro esperava agora a sentença das filhas como uma criança humilhada, pronto a se abrir em sorrisos logo que o sol da aprovação das meninas transparecesse de novo. Até então, ele ficara cabisbaixo, pequeno, envelhecido, um miserável a quem faltava energia até para odiar os inimigos que lhe surgiam, como Elsie e sua mãe.

Com receio de que Álvaro chorasse mesmo, como ameaçara, que rompesse em lágrimas como uma mulher, como já acontecera em outras crises, Nica falou severamente:

— Chega de cenas patéticas, Álvaro. Não force Geninha a consolar um homem do seu tamanho. Ponha ela no chão, que ela logo para de chorar.

Quis dizer ao pai mais que isso, muito mais, dizer-lhe que, em vez de ficar ali, procurando, com abraços e engabelos, angariar o perdão de todas, ele devia ir trabalhar, arranjar dinheiro para pagar as dívidas e uma tardia hombridade para servir de apoio às filhas.

Obedecendo à natural autoridade de Nica, que as outras não tinham, Álvaro pôs Geninha no chão. A menina de fato começou a enxugar os olhos, afastando os cabelos do rostinho convulso. Mesmo com os olhos minguados pelas lágrimas, mesmo com o nariz vermelho, Geninha era bonitinha.

Confortada pelo círculo penalizado da família, Geninha passou a contar tudo, a relatar como Elsie a insultara e como ela reagira. Voltou-lhe aos poucos a volubilidade costumeira.

— Eu estava passeando no recreio, de braço com a Rosinha — contou. — A Elsie estava atrás de mim, andando com a Noêmia, que é a maior amiga dela. De repente, ela falou aquilo bem alto, para eu ouvir. A Elsie tem raiva de mim porque eu não falo com a Noêmia... Não falo porque não quero. Não gosto dela.

— E você, que fez?

— Nada, da primeira vez, porque a Rosinha me pediu baixinho: “Não faça caso, Geninha”. Mas a Elsie repetiu mais alto. Então me virei e dei uma bofetada nela.

Álvaro soltou uma gargalhada. Nica e Iolanda exclamaram:

— Muito bem!

Só Cristina se scandalizou.

— Geninha! Você não devia ter batido nela. A professora viu?

— Não. Na hora estava longe, mas aí o resto das meninas vieram correndo. Todas perguntavam “Que é? Que houve?”.

— Foi pior — disse Cristina. — E Elsie? O que fez?

— Não fez coisa nenhuma. Ficou com medo de mim. Se ela me batesse, aí é que nos atracávamos. Eu fiquei olhando para ela, esperando. Ela resolveu ir embora. Umás meninas foram com ela, outras ficaram comigo. Minhas amigas nunca mais vão falar com Elsie.

Álvaro perguntou, preocupado ainda em consolar Geninha:

— Você quer sorvete? Já está pronto. Pode tomar quanto quiser. Se não sobrar para o jantar, não faz mal.

Cristina, a mais velha, protestou, como dona de casa.

— Deixe disso, Álvaro. O sorvete é para o jantar.

Recomeçaram os preparativos. Álvaro, ajudando a pôr a mesa, suspirava de vez em quando. Nica disse-lhe:

— Você logo se consola, na hora da conversa e do champagne.

Ele protestou molemente:

— Você pensa que basta um copo de vinho ou um prazer qualquer para esquecer meus aborrecimentos? Pensa que não sofro com essas coisas? Que nasci um sem-vergonha? Não é verdade. Não sou, não.

— Depois você se consola — teimou Nica.

Foi buscar uns castiçais antigos e colocou-os sobre a mesa. Seu pensamento estava em um dia de sua infância, quando tinha mais ou menos a idade de Geninha hoje — o dia em que oficiais de justiça vieram buscar todos os móveis de casa, empenhados por Álvaro. Geninha devia estar sentindo agora mais ou menos o que ela sentira então. Hoje Geninha chegara à maioridade como filha de Álvaro, como ela, Nica, chegara nesse dia dos meirinhos, como Iolanda chegara, um pouco menos cedo talvez, na ocasião da ameaça de um credor insolente. Para Cristina, a mais velha, talvez não houvesse havido um momento preciso que, assim, de repente, lhe abrisse os olhos. Depois da morte da mãe, Cristina

tomara, ainda colegial, o governo da casa, dessa casa sem orçamento. Logo principiara a descobrir, por meio de pequenos vexames e da necessidade de fugir das contas dos fornecedores que não podia pagar, a verdadeira situação do pai.

Ainda agora, depois de anos passados, ressurgia na memória de Nica, como se fosse ocorrência da véspera, aquela visita dos oficiais de justiça, que pretendiam deixá-los sem móveis em casa. Revivia o susto e a vergonha por que passara então. Naquele primeiro instante, a queixa que ela sentiu de Álvaro não foi só por ter empenhado tudo que possuía, deixando a família chegar ao ponto de ficar com a casa humilhantemente vazia, de um momento para o outro. A mágoa principal de Nica foi ver Álvaro abandoná-la sozinha, retirando-se pela porta dos fundos quando viu chegar os credores, e deixando-a, aos doze anos, só com uma criada imbecil, para resolver um caso totalmente imprevisto. Álvaro sabia que ele ali não podia fazer nada. Contra a Justiça em forma de homens, sua arma habitual, que era a simpatia, seria como essência fina atirada ao mar. Essa simpatia, que tinha de sobra, essa força misteriosa capaz de desarmar inimizades, sem jamais aparentar nem sentir a menor reação de dignidade ou de gênio, que influência podia ter sobre um mandado judiciário de posse?

Nica conduziu bem a situação, mesmo naquela idade. Lembrou-se logo de recorrer ao Rabelo. Não permitiu que os homens percebessem sua aflição. Ao compreender do que se tratava, Nica portou-se como uma digna filha dos Galhardo do tempo do Império. Escutou os oficiais. Olhou, sem ler, para o documento cheio de carimbos que traziam e, calmamente, como uma senhora, não como a colegial uniformizada que ainda era, escondendo bem o nervosismo que lhe fazia as pernas bambas, conservou o olhar firme sobre eles, viu-os entrar sem cerimônia casa adentro, passando por ela como se não estivesse ali. Os funcionários olhavam com indiferença para os móveis, mas dois sujeitos, que seriam talvez os credores, examinavam tudo com minucioso

cuidado. Nica ouviu um deles falar ao outro de uma cama de estilo manuelino que havia em cima e dos objetos e móveis chineses, alguns preciosos, que Álvaro trouxera do Oriente quando, em moço, ocupara ali um posto diplomático. Naquele tempo ele ainda tinha dinheiro para gastar, dinheiro herdado — dele e da mulher.

Dirigindo-se ao funcionário que parecia ser o chefe, Nica perguntou:

— Antes de mexerem em algo, o senhor me dá licença de telefonar ao Sr. Nestor Rabelo, presidente do Banco Rabelo?

Já naquele tempo o Rabelo era o amigo mais íntimo da família, frequentador diário da casa. A menção do seu nome, ilustre nas finanças, deu a Nica alguma segurança, porque certamente evocava para eles o edifício monumental, no centro da cidade, sem falar das inúmeras agências do banco em outros pontos do Brasil.

O funcionário respondeu molemente:

— Pode telefonar.

Um dos sujeitos, que pareciam credores, um gordo, teve, porém, um sorriso incrédulo quando ela mencionou o nome de Rabelo, riso meio grosseiro, meio idiota. Nica olhou-o severamente, perguntando:

— De que está rindo o senhor?

Sentia o sangue ferver-lhe perante a grosseria. Só com o olhar forçou o homem gordo a recolher o riso. Ela foi então ao telefone, ali mesmo no *hall*, vencendo, com esforço, o tremor das pernas que ela não sabia como lhe permitiu chegar até o aparelho e conservar-se de pé. Chamou o banco sem precisar consultar a lista. Ouviu a voz da telefonista de lá, dizendo: “Banco Rabelo”, voz mais fraca que o bater, quase a arrebentar, do seu coração.

Ela pediu o gabinete do presidente. Este foi o pior momento para ela. Rabelo podia não estar ou estar em confidência. Nesse caso, os meirinhos retirariam logo os móveis.

Mas felizmente a secretária do Rabelo, em vez de responder negativamente, perguntou quem desejava falar.

— É Nica, Dona Stela. Ana Galhardo.

A secretária conhecia as meninas Galhardo. Estava habituada a dar recados para a casa e geralmente comprava os presentes que Rabelo oferecia às filhas de Álvaro nos aniversários e em outras ocasiões. Nica ouviu, sem demora, e com um alívio infinito, a voz sonora de Rabelo ao aparelho:

— Que é, Nica? Que houve aí?

Já com volubilidade, sem nada mais do ligeiro empecilho que a emoção até então lhe criara na fala, Nica explicou:

— Estão aqui uns oficiais de justiça. Querem levar todos os móveis de casa.

Rabelo nem lhe deu tempo de acabar a frase.

— Eu vou para aí. Peça para me esperarem dez minutos. Pergunte ao chefe se quer chegar ao telefone.

Ela transmitiu o recado. O oficial falou e concordou. Ficou tudo suspenso até a chegada do Rabelo. Os homens sentaram-se. O sujeito gordo deixou de examinar os móveis, instalou-se numa cadeira que antes estivera revirando em todo sentido e desinteressou-se completamente do ambiente. Nica, observando essa mudança, quase sorriu. Seus olhos voltaram à expressão de malícia meiga que era um dos principais encantos do seu rostinho fino, de traços irregulares. Em menina, Nica não fora bonita, mas já era alguém.

Não quis esperar pelo Rabelo, ali. Subiu dignamente a escada. Da janela viu-o chegar e, depois, do alto do patamar, debruçada no corrimão, ouviu, sem ser vista, a curta conversa que ele teve com o oficial de justiça. Logo que os homens saíram, ela desabou, escada abaixo, quase aos trambolhões, para abraçar o amigo precioso.